

# **O MAPA CONCEITUAL E A PARODIA, ENTRELAÇANDO MECANISMOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: O PIBID NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Eva Graciela Ribeiro Da Silva<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de coparticipação desenvolvida no 7º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira, em Caetité- BA, a partir das vivências como bolsista de Iniciação a Docência no Subprojeto “*A Formação Inicial do Professor de História e sua Atuação na Escola Básica: o ofício do historiador na docência*” / PIBID/Capes. Nesse sentido, compartilhamos das reflexões de cultura escolar de JULIÁ (2001), entrelaçando a análise que BITTENCOURT (1993) faz em relação à postura que o professor assume ao usar o livro didático, nesse caso específico o professor adota o uso do mapa conceitual e da paródia cuja sugestão não provém do livro didático. Inicialmente foi explicado para os alunos como se faz um mapa conceitual, desse modo eles utilizaram palavras-chave consideradas como caminho para a construção do aprendizado histórico do conteúdo Feudalismo. Ao término das atividades e com uso da paródia, pode-se perceber a produção do conhecimento histórico, de modo que a maioria dos alunos teve um bom desempenho na elaboração do mapa conceitual entrelaçando este ao aprendizado que obtiveram com a problematização dos elementos destacados por eles como importantes na paródia. Até o fechamento deste texto os alunos ainda não tinham produzido uma paródia que será em grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mapa Conceitual, Postura do professor, Livro didático, Paródia.

## **INTRODUÇÃO:**

A atuação como bolsista de Iniciação a Docência no Projeto PIBID/Capes, tem oferecido mecanismos constantes para investigarmos o cotidiano escolar e repensarmos o nosso ofício de historiadores na escola básica. Partindo da análise da cultura escolar Juliá, (2001), e da reflexão sustentada por Bittencourt (1993), sobre o uso do livro didático em sala de aula e também refletindo sobre a postura adotada pelo professor em relação a este, pode-se pensar acerca do uso do mapa conceitual e da paródia na aula de história.

A reflexão sobre o subprojeto “*A formação inicial do Professor de História e sua Atuação na escola Básica: o ofício do historiador na docência*” / PIBID/Capes, tem fomentado nossa inquietação quanto ao papel que devemos desempenhar frente aos mais diversos problemas enfrentados na construção do conhecimento histórico em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité, e-mail: eva-gracielar@hotmail.com. Bolsista de Iniciação à Docência pelo PIBID/CAPES/UNEB no subprojeto: “*A Formação Inicial do Professor de História e sua Atuação na Escola Básica: o ofício do historiador na Docência*” com orientação da Prof<sup>a</sup>. Antonieta Miguel.

Nesse sentido, como sustenta Carretero (2006) é chegado o momento de “abrir o marco do espelho de Clio”, desvencilhando-se das tradicionais maneiras de planejar e executar a aula de história, possibilitando aprender com outros mecanismos e ferramentas que devem ser adotadas no ensino de História.

O presente trabalho é fruto da coparticipação em sala de aula no PIBID/História. Nesse cenário nosso olhar de professor/historiador se volta para análise do uso do mapa conceitual e da paródia como mecanismo facilitador da mediação entre professor e aluno na construção do conhecimento histórico no sétimo ano do ensino fundamental. Este trabalho foi realizado pela professora supervisora em duas turmas “A” e “B” do 7º ano, em parceria com os bolsistas de Iniciação a Docência.

O objetivo deste trabalho é inquietar os alunos na construção do conhecimento histórico, leva-los a pensar a história de uma forma para além dos padrões tradicionais, desse modo foi perceptível ver no debate em sala de aula a problematização de períodos históricos, onde os próprios alunos buscavam evidenciar relações com a história da sociedade atual.

#### **METODOLOGIA:**

Este trabalho foi realizado nas aulas de História do 7º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Tereza Borges de Cerqueira, CETBC, Caetitê- BA. A proposta da professora supervisora consiste em trabalhar com romances diversos, e com o conteúdo Feudalismo do livro didático. Esta atividade tida como diferenciada, é realizada com auxílio dos bolsistas de Iniciação a Docência, em cada coparticipação notou-se como é a relação do mapa conceitual e o ensino de história, a partir do uso que os alunos fazem deste recurso em sala de aula.

É pertinente ressaltar que antes de pedir a elaboração do mapa conceitual a professora explicou “o passo a passo” de como se deve elaborar o mesmo, assim pôde-se perceber algumas dificuldades enfrentadas na elaboração do trabalho, mas também se torna visível a maior participação dos alunos nessas aulas.

Outra maneira adotada para trabalhar os conteúdos na aula de história foi a paródia entrelaçada ao mapa conceitual, numa forma lúdica de abordar questões do sistema feudal. Nesse sentido, foi possível perceber que os alunos interagiram e que o sono não esteve presente na aula de história do Ensino Fundamental.

A paródia foi elaborada como forma de intervenção dos bolsistas do PIBID na sala de aula, numa coparticipação, de modo que foi escolhida a música “O Sol” do grupo Jota Quest e a partir de então apresentamos e cantamos a versão original com a turma, em seguida cantamos e tocamos a paródia onde os alunos aprenderam facilmente a letra que abordava

reflexões sobre a sociedade feudal. Com a paródia abriu-se possibilidades de trabalhar duas versões da história: servos e os senhores feudais. Percebeu-se também o diferencial que o instrumento musical causou na turma.



FONTE: Acervo Pessoal

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao pensarmos em realizar um trabalho com mapa conceitual e também com a paródia devemos estar atentos que é necessário que os alunos aprendam ou que tenham noções básicas do que será trabalhado. É essencial pensar os alunos no momento em que estamos elaborando as atividades como propostas de intervenção na construção do conhecimento histórico.

O trabalho realizado com o mapa conceitual e a paródia é um caminho possível para o professor de história trabalhar determinados acontecimentos históricos em sua aula. É importante salientar que o aluno não pode sentir-se alheio as atividades propostas e realizadas em sala de aula. Ele deve se sentir inserido no processo de ensino e aprendizagem, por isso não basta inovar apenas com técnicas o ensino de história. É preciso desenvolver no aluno a consciência histórica, a criticidade da história que lhe é ensinada, problematizando as representações que ele traz com sua vivência, buscando entender a sociedade em que ele vive.

Partindo do pressuposto que os alunos já trazem consigo alguns conhecimentos prévios, ao qual defendo que não se deve ser desprezado pelo professor e sim interpretado e problematizado, elenca-se a criação do mapa conceitual, como sustenta Maria Lima (2001):

Os criadores do mapa conceitual partem da ideia de que, na maioria das vezes, uma pessoa ao iniciar um processo de aprendizagem já traz consigo informações sobre os conteúdos que serão abordados. A desconsideração destes conhecimentos, muitas vezes, impede que a professora: (e o professor) perceba porque determinados alunos não conseguem aprender certo conteúdo! Apesar de seus esforços Além

disso, desprezar este conhecimento prévio faz com que, ao não ativá-lo, o aluno produza assimilações, deformantes. (LIMA, 2001 p. 170)

Diante disso, é pertinente reafirmar a importância de se considerar as representações ou noções que os alunos já trazem consigo sobre o que está sendo trabalhado na aula de história. Faz-se necessário que como mediadores de conhecimento nos atentemos para a seguinte reflexão de Lima (2001):

Apesar de Ausubel utilizar a palavra conceito tanto para o conhecimento prévio do aluno, quanto para o conhecimento resultante do trabalho com o professor, cabe aqui destacar que o primeiro não poderia ser definido como conceito propriamente dito, mas apenas com, noção e representação, "metáfora do conceito". É com esta preocupação que Sérgio Moscovici utiliza a expressão de representações sociais para designar o conhecimento prévio do aluno e Vygotsky a expressão pseudoconceito. (LIMA, 2001 p. 171).

Ao refletirmos sobre essa colocação, rememora-se quando da elaboração do mapa conceitual em que os alunos debatiam em sala de aula o que eles já sabiam sobre o que estava sendo ensinado. Muitos indagavam sobre períodos históricos diferenciados, buscando semelhanças e diferenças dentro da história do Feudalismo, temática que estava sendo trabalhada a partir do mapa conceitual e também do uso de paródias.

Quando vivenciamos atividades desse tipo nas aulas de História, podemos investigar os conhecimentos prévios que os alunos trazem consigo. A partir disso é possível evidenciar fatores importantes na trajetória de como a história vem sendo ensinada. Repensar a postura docente, investigar a sala de aula, olhar para cada aluno como um crivo investigativo é papel de nosso ofício, sendo parte importante de nossa formação como professores/historiadores pesquisadores do seu próprio cotidiano.

Nesse contexto de investigar a aprendizagem dos alunos, como eles aprendem sobre determinados conteúdos históricos, repensando a história ensinada podemos citar a neuroeducação que se configura como campo de pesquisa educacional como sustenta Oliveira (2011):

Compreender como as pessoas aprendem não é um desafio novo para educação. Muito se especulou e se especula sobre essa questão. A neurociência se alia à educação em busca de uma resposta que este trabalho busca contribuir discutindo a ciência da aprendizagem ativa, repensando-se o que é ensinado, como se ensina e como se avalia a aprendizagem. A neuroeducação vem se constituindo num campo de pesquisa educacional, com metodologia própria, que se fortalece com as contribuições da neurociência, da psicologia e da pedagogia. (OLIVEIRA, 2011 p. 73).

Diante dessa discussão que Oliveira (2011) aborda, convém-nos a começar a repensar a aprendizagem e as formas de avaliação do que é ensinado na sala de aula. Oliveira (2011) ainda chama nossa atenção para a seguinte questão:

A educação não pode mais se propor a suprir todo conhecimento humano, mas deve preocupar-se em proporcionar meios ao aluno para o desenvolvimento de recursos intelectuais e de estratégias de aprendizagem capazes de ajudá-lo na aquisição de conhecimento que lhe permita pensar ativamente sobre as ciências. Assim entendido, a pessoa torna-se um aprendiz vitalício e independente. (OLIVEIRA, 2011 p 74).

Torna-se importante novas leituras e novas reflexões sobre a neurociência e a neuroeducação. É necessário e essencial para os professores ficarem interagidos com novos estudos que muito podem contribuir para a sua formação e com sua prática cotidiana em sala de aula. Pensar as diferentes formas de aprendizado é fator decisivo na construção do conhecimento escolar nas diferenciadas etapas da vida na escola.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Diante do que já foi trabalhado e vivenciado em sala de aula até o presente momento de fechamento desse texto, foi perceptível que o uso do mapa conceitual e da paródia contribui para o aprendizado da ciência histórica. Notou-se que para a realização deste, os alunos foram instigados à leitura e à interpretação, de modo que os mesmos problematizaram a paródia na compreensão dos aspectos que julgaram importantes para a elaboração posterior de um mapa conceitual.

Estar no ambiente escolar, nas coparticipações tem sido um desafio constante e gratificante na nossa formação. Participar do Projeto PIBID e do subprojeto “*A formação inicial do Professor de História e sua Atuação na escola Básica: o ofício do historiador na docência*” contribui significativamente para repensarmos nosso cotidiano de graduandos de uma Licenciatura em História, de modo que, como Projeto de Iniciação a Docência este fornece ferramentas para refletirmos sobre nosso futuro como professores da Educação Básica de nossa sociedade.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “Livro Didático e Conhecimento Histórico: Uma História do Conhecimento Escolar.” São Paulo, 1993. (Tese de Doutorado).

CARRETERO, Mario. “Documentos de Identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado”. 2010.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **In: Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 - 43, Jan./Jun. 2001.

LIMA, Maria “Reflexões sobre o uso do Mapa Conceitual na Disciplina de História”. História & Ensino. Londrina, 2001.

OLIVEIRA, Gilberto Gonçalves. “Neurociências e os Processos Educativos: Um saber necessário na Formação de Professores”. Uberaba 2011. (Dissertação de Mestrado).